

A CASA DO PRAIANO

A PROXIMIDADE da serra no litoral de São Paulo não impede o aparecimento de numerosas praias, longas ou curtas, separadas umas das outras por pequenos morros. Neste ponto da costa, onde se originou um dos primeiros núcleos de povoamento, vive hoje uma população pouco numerosa — com exceção de Santos — que se dedica à pesca.

Separando a praia da orla do planalto estende-se a várzea, onde, entre os detritos acumulados, espriam-se pequenos rios. No contacto entre a várzea e a praia desenvolve-se uma cortina de vegetação — o jundú — que abriga as casas dos pescadores ou “caçaras”, dando à faixa arenosa uma feição completamente deserta. Dispersas ao longo das praias ou agrupadas nos cantos mais protegidos dos frios ventos do sul que trazem as borrascas, construídas numa clareira aberta no jundú, as habitações dos praianos comunicam-se com o mar por uma larga e sinuosa abertura da vegetação, a que por analogia chamam de “portos”.

Construídas sem orientação definida, dão de preferência a frente à praia ou ao caminho movimentado por onde transita a população, especialmente as mulheres em sua faina diária em busca da água que brota, além do mangue, nas encostas dos morros.

A casa é, em geral, de pau a pique com cobertura de duas águas de sapé ou de folhagens (guaricanga, guamiúva). A pobreza da vegetação próxima leva ao artifício das paredes “barreadas”, enquanto que mais para o sul, próximo ao Paraná, é comum vermos casas de madeiras ocupadas por pescadores. De poucas portas e janelas, raramente são caídas denotando maior riqueza. O chão de terra batida, um pouco mais alto do que o terreiro, sustenta uma parede central que separa um ou dois quartos da sala, onde os rústicos objetos domésticos acham-se misturados aos apetrechos da pesca. No fundo, um pequeno compartimento serve de cozinha; ou então, um puxado lateral, de dimensões variadas, de duas águas, coberto como o corpo principal. Aí prepara-se o peixe e, em algumas casas, encontram-se a roda, a prensa e o forno próprios ao fabrico da farinha de mandioca. Porisso mesmo, esta peça da casa é chamada “casa de aviamento”.

A construção frágil como é, sob a ação contínua do vento e das chuvas fortes de verão dura poucos anos. Quando começa a ruir seus donos preferem construir uma nova a consertá-la.

Apesar do aspecto de miséria, o traço característico da casa do caçara é a perfeita limpeza que se estende não só à casa e à família, como ao próprio terreno. Constantemente varrido apresenta um ar alegre entre as flores e folhagens de côres variadas do improvisado jardim.

Ao lado da casa jamais faltam as bananeiras brancas, o mamoeiro e um pezinho de café. Além, nos terrenos mais enxutos, estendem-se pequenas roças, que lhes fornecem o necessário alimento, especialmente o feijão, a mandioca e a cana. Esta é transformada em garapa, com a qual adoçam o café, e em “pingá” que apressa a circulação do corpo molhado pelos respingos do mar, nas longas horas de trabalho.

Esta paisagem tão bem descrita por MARIA CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO, poderia, talvez, ser confundida com a casa do caipira, se em tórno não surgissem os aspectos típicos da vida do pescador. Aqui, os varais onde, a secar descansam as rêdes; os “covos” (espécie de cesta para pesca de peixes menores) espalham-se ou agrupam-se pelo chão. Lá, sôbre dois toros ou à sombra do “rancho” a canoa espera a aproximação de novos cardumes.

Sentado próximo à casa, o praiano tranqüilo e calado conserta uma rêde ou prepara novos anzóis, enquanto em tórno dêle os filhos brincam entre a criação doméstica.

Prof.^a LÉA QUINTIERE

